Discurso do Professor Paulo Cezar Pinheiro Carneiro:

“Discursos, convém que sejam poucos, se possível, que sejam bons; em qualquer caso, que sejam breves”. Esta a advertência do Prof. José Carlos Barbosa Moreira no discurso proferido para a sua última turma de bacharelandos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no ano de 1996. Prometo cumprir, pelo menos, a advertência final sobre a brevidade.

Na realidade já anuncio que não pretendo fazer discurso, mas sim falar um pouco nesta homenagem do Mestre José Carlos Barbosa Moreira. Vi o professor pela primeira vez nos idos de 1968/1969 no casarão da Faculdade de Direito da antiga Universidade do Estado da Guanabara, salão nobre, defendendo, em concurso público, tese para livre docência. Sua segunda tese para livre docência. A primeira já havia defendido na Faculdade Nacional em 1968. Nesta a tese era “O Juízo de Admissibilidade no Sistema dos Recursos Cíveis”. Foi então, naquele momento, que o jovem mestre que despontava demonstrou todo o seu talento, cultura e uma dose de fina ironia reveladores de uma maturidade precoce na área que escolheu como especialidade, enfrentando com ampla vantagem aquela temível banca que procurava sem sucesso questionar o seu trabalho. Foi algo inesquecível principalmente para aqueles que pela primeira vez assistiram a um concurso do gênero. Mal sabia o mestre que começara a despertar nos seus futuros alunos, e assim foi ao longo de toda a sua carreira, a vontade de um dia seguir os mesmos passos.

Mais tarde, começou a dar aulas na então Universidade do Estado da Guanabara com exclusividade, e a sua primeira turma para a qual ministrou por inteiro o curso nos anos de 71/72, a minha turma, as salas de aula ficavam lotadas. Cada turma dizia ser a preferida e a melhor e o mestre quando indagado respondia com um sorriso enigmático: “existem muitas moradas na casa do pai!!!” Naquela época eram 300 alunos (150 manhã mais 150 à noite). E as aulas do mestre eram concorridíssimas, pois alunos de outras turmas e mesmo de outras universidades já corriam para assistir às aulas do mestre que despontava.

Cada uma das turmas do Prof. José Carlos tem as suas lembranças. E mesmo aqueles que tiveram a oportunidade de assistir as suas palestras. Quem não se recorda das figuras que o Professor José Carlos usava para ilustrar as suas aulas? Em 1972, a fábula da Bela Adormecida no Bosque servia de base à compreensão do recurso intitulado “o agravo no auto do processo”, parente mais velho do que hoje conhecemos

como o agravo retido. Para explicar o efeito devolutivo do recurso de apelação, com a devida vênia, o Professor à época usava as curvas da Cláudia Cardinale. Para quem não a conheceu, vocês que são muito jovens, foi realmente uma mulher muito interessante. Hoje nós teríamos que procurar uma figura mais moderna, sob pena de usando aquela personagem de então desestimular por completo o interesse dos alunos, quanto ao aprendizado do efeito devolutivo do recurso de apelação.

Mas o legado do mestre não foi só a didática, o conhecimento da técnica processual. Muitas foram as lições de vida, de solidariedade, de respeito pelos seus alunos.

O Professor, desde sua primeira turma, sabia o nome de todos os seus alunos. Ele dizia ser “impossível uma relação afetiva entre seres inominados”. Daí o esforço que ele fazia para identificar cada aluno, guardando o nome de todos nós e até hoje na memória e mais no coração.

No coração porque todos nós temos alguma coisa que fazemos de melhor. Fala-se muito “no melhor lado de uma pessoa” – aqueles feitos que praticamos de modo mais espontâneo, mais rico, com maior amor. Tenho absoluta certeza, sem medo de errar, que a melhor parte do Professor José Carlos, ele deu para os seus alunos, para as suas turmas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

É certo que o Professor José Carlos foi advogado brilhante, Procurador do Estado ímpar, magistrado incomparável que aliava a técnica a serviço dos fins sociais e políticos que informam o exercício da função jurisdicional. A Quinta Câmara Cível do Tribunal de Justiça, a qual o Prof. José Carlos presidia, era considerada a vitrine do Tribunal. Falo não por ouvir dizer, mas como testemunha, por ter tido o privilégio de trabalhar com o Professor, tanto na Procuradoria Geral do Estado como no Tribunal de Justiça, como Procurador de Justiça da Câmara.

As obras do Professor – sua produção acadêmica – fruto do seu magistério, são conhecidas, certamente, de todos nós.

Todas estas obras servem de guia, de ponto de partida, orientação para todos os cultores do direito processual civil no Brasil e no exterior.

Mas, era em sala de aula que o Professor se transformava. Suas lições, verdadeiras obras de arte, ofuscavam todo o resto. Não seria exagero afirmar tratar-se de uma graça divina e não de um esforço humano.

O Professor José Carlos foi muito além de um Professor que passa e repassa conhecimentos; fez, citando uma expressão que ele gosta de utilizar, a cabeça de muitos.

Só na UERJ, quase todos os Professores e os discípulos desses professores foram ex-alunos do Prof. José Carlos. Hoje, seis professores titulares de diversas áreas foram alunos e tiveram grande influência do mestre.

O embrião da escola processual de Copacabana, composta nas suas origens por dois únicos personagens, o Prof. José Carlos e seu mestre Luiz Machado Guimarães, germinou e deu frutos, fez discípulos.

Nós, seus alunos e admiradores, levamos e guardamos, como dizia o grande Milton Nascimento, “debaixo de sete chaves, dentro do coração”, esta melhor parte do mestre, e a dividimos com os nossos alunos, que se incorporam também a essa grande família espiritual.

E não foi por acaso que isto tudo aconteceu. O Mestre cumpriu a promessa que fez sucessivamente às suas diversas turmas, desde 1972, “de que a partida, a formatura não representava um fim, mas sim um novo começo”. Na formatura da última turma, 1996, voltava ao tema dizendo a seus alunos: “não se livrarão de mim com tamanha facilidade. Hão de consentir – como, para meu imenso júbilo, vêm consentindo tantos e tantos bacharéis de anos anteriores – que eu os acompanhe mais um pouco, o máximo que prouver a Deus, e nem sempre com os olhos, pelo menos sempre no coração”.

O Professor fez discípulos, alcançou a afeição de todos os seus alunos e cultivou, juntamente com D^a Gilka, sua esposa, a amizade de muitos, tantos quantos era possível. Estas situações que o Professor considera verdadeiros dons, graças, foram recolhidas por ele – são essas as suas palavras – “com a alma em alvoroço e guardada entre os troféus mais caros da sua vida espiritual, como gema de preço inestimável”.

Uma das poucas discordâncias que temos – falo por todos, penso -, é com o fundamento que o Professor utilizou para aposentar-se. Dizia o mestre: “eis que é chegada a oportunidade de passar da intenção ao ato. Os cantores devem ter a sabedoria de sair de cena antes de começarem a desafinar nos agudos, os jogadores de futebol, a de pendurar as chuteiras antes de começarem a perder, sucessivamente, cobranças de pênaltis. Também para os professores existe um momento apropriado, que seria pouco sábio passar em brancas nuvens. Não parece nada invejável a sorte de quem, tendo podido retirar-se enquanto ouvia lamentar a partida como prematura, cometa a suprema

imprudência de demorar-se, correndo o risco de ouvir, com o andar do tempo, outra espécie de lamentações.”

Mas uma coisa é certa: aqui estamos nós e continuaremos sempre juntos, aqui e acolá, e nem sempre com os olhos, pelo menos sempre no coração.

O Prof. José Carlos uma vez, citando Carnelutti, disse que a maior glória de um Mestre não é a de ser louvado pelos seus discípulos, mas sim de ser por eles ultrapassado.

Eu me permito discordar. Primeiro porque esta missão seria absolutamente impossível de ser alcançada. Só existe um Pelé, inclusive no processo civil, mesmo depois de ter pendurado as chuteiras. Em segundo lugar porque estou convencido que a maior glória de um mestre é a de conseguir escrever no coração dos seus alunos mensagens de comprometimento com o direito, de amor a academia, de ética, de respeito aos alunos, de bem querer.

Escrever no coração das pessoas é jamais ser esquecido.

Professor José Carlos Barbosa Moreira, o senhor conseguiu escrever e muito no coração de seus alunos.

Obrigado pela presença e receba essa merecida e carinhosa homenagem de todos os seus alunos e dos amigos do Instituto Brasileiro de Direito Processual.